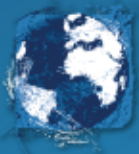


SHOW DO MÊS A MÚSICA ENTRE O MUSSEQUE E A CIDADE

29 & 30 de Setembro de 2017



BAI

Arte 2017



Banco Angolano de Investimentos, S.A.:

Travessa Ho Chi Minh, Edifício Garden Towers,

Torre BAI - Maianga, Luanda, Angola

Contactos: 223 693 800 / 222 693 899



4ª TEMPORADA



BAI

Arte 2017



4ª TEMPORADA

A MÚSICA ENTRE O MUSSEQUE E A CIDADE

A MÚSICA ENTRE O MUSSEQUE E A CIDADE

A música é uma manifestação artística e cultural de um povo, é uma forma de descontração, relaxe, diversão mas, ao mesmo tempo, veículo importante para expressar sentimentos, desejos, frustrações, protesto, veículo de conscientização para questões como a guerra, a opressão, a discriminação.

Um grito inquestionável de liberdade. É, com este carácter, que a música angolana tem vindo, através dos tempos, a escrever a sua História. No final dos anos 60 e início de 70, numa Angola ainda sob o domínio colonial português, surgem vozes e compositores importantes que, não apenas em português mas, corajosamente cantando em línguas nacionais, transmitem os seus sentimentos de revolta, através de mensagens de protesto, mentalização e incentivo.

Dikanza, kilapanga, kazukuta, semba ou rebita. Elias Diakimuezo, David Zé, Urbano de Castro, Teta Lando, Carlos Lamartine, Sofia Rosa. Géneros musicais e vozes que imprimiram, à música angolana, um cunho muito próprio, ultrapassando fronteiras e influenciando não apenas criadores mas, igualmente, sons de outras paragens.

É exactamente para as décadas de 60 e 70 que, nos dias 29 e 30 de Setembro, o Show do Mês, no espaço mágico do palco do Royal Plaza, qual máquina do tempo, vai transportar os mais velhos, num misto de sentimento e saudade, para uma época que transformou em História a música angolana e dar a conhecer, aos mais jovens, o "ouro" da música do seu país.

Oscar Neves, Artur Nunes, Kiezoz ou Urbano de Castro, nomes que, no passado, transformaram sons em sonhos, vão regressar nas vozes de hoje: Zé Manico, Mister Kim, Legalise, acompanhados pela Banda na qual pontificam nomes que deram vida à música das décadas de 60 e 70 em Angola: Joãozinho Morgado nos tambores, Zeca Tirilene na guitarra

ritmo, Botto Trindade e Tedy Nsingi nas guitarras solo, Didi da Mãe Preta no som da dicanza e os bongós marcando o ritmo pelas mãos de Chico Montenegro.

E porque se disse que a música se transformou em História, um pouco de História para que os mais jovens percebam porque razão a música foi, também, uma arma de luta pela Liberdade.

Os musseques de Luanda foram o terreno onde se deitaram as sementes mais importantes da nossa música urbana. Alguns músicos reuniam-se, para tocar, nos fins de tarde. Daí nascem, não apenas turmas de Carnaval mas, igualmente, muitos dos grupos musicais que, aos poucos, começaram a conquistar a cidade numa afirmação de angolanidade sempre marcada pela preservação das músicas tradicionais do país, não apenas porque eram inapagável memória genética do seu intérpretes, mas também porque, marginalizadas pelo domínio colonial, se transformavam em bagagem de protesto e afirmação.

É nos musseques que uma geração de jovens, de origens mais humildes e, por isso mesmo mais oprimida, começa a criar o seu próprio estilo musical conferindo-lhe uma personalidade intrinsecamente angolana, peculiar e distintiva. A música era uma forma de lutar sem armas, era uma forma de resistência cultural, de afirmação, de protesto nascido entre o mussequê e a cidade.

Foram pois, as influências históricas, marcadas quer pela opressão colonial quer pelos anos de guerra e pela memória cultural, os grandes catalisadores da música das décadas de 60 e 70 que vai subir ao palco do Royal Plaza. Canções diferentes que marcaram o seu tempo e que motivaram, até hoje, as novas gerações que cantam Angola com Confiança no Futuro.